

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
RAUL RUIZ – A IMAGEM ESTILHAÇADA
7 de Março de 2024

DÍAS DE CAMPO / 2004

Um filme de Raúl Ruiz

Realização e Argumento : Raúl Ruiz / Direcção de Fotografia: Inti Briones / Música: Jorge Arriagada e Alfonso Leng / Som: Felipe Zavala / Montagem: Jean-Christophe Hym / Interpretação: Marcial Edwards (Federico com 60 anos), Mario Montilles (Federico com 90 anos), Bélgica Castro (Paulita), Ignacio Aguero (Daniel Rubio), Rosita Ramírez (Petita), Monica Echeverria (sra. Carmen), Carlos Flores del Pino (Ursua, o advogado), Francisco Reyes (Chandia), Amparo Noguera (Chazal), etc.

Produção: Margo Filmes – RR Producciones - CNC / Produtor: François Margolin / Cópia digital, colorida, falada em espanhol com legendagem electrónica em português / Duração: 89 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

*Na impossibilidade de redacção de um texto original sobre **Días de Campo**, traduzimos um breve texto do próprio Raúl Ruiz, em que o autor reflecte sobre o que o levou a este filme, o primeiro que fez no Chile desde que, 30 anos antes, se exilara na Europa:*

Saí do Chile em 1973. Depois de dez anos de exílio, regresssei. Surpreendeu-me constatar que nada no meu país me dava vontade de fazer um filme.

Eu, a quem a simples ideia de fazer um filme em Taiwan, na Sicília ou na Holanda fazia nascer dezenas de ideias de ficções filmáveis, sentia-me, perante o país da minha infância, como que paralisado, sem qualquer ideia.

Precisei de esperar ainda vinte anos para que as imagens do Chile se começassem a constituir em ficções que tivesse vontade de filmar.

Comecei por pequenos comentários. E depois, um dia, dei por mim, sem saber nem como nem porquê, em vias de rodar uma ficção chilena.

O que é quer dizer, “chilena”? Noutra altura teria respondido “uma ficção sem qualidades” (como se diz do “Homem sem Qualidades”). Hoje, teria antes tendência a dizer: um filme em que todos os elementos locais seriam, antes do mais, matéria de espanto e de estranheza, onde o fantástico arrancaria naturalmente a partir de pequenos acontecimentos “sem história”. Acontecimentos flutuantes num mundo que ignora a cronologia. Um mundo em que não se chega a saber se estamos a recordar-nos de um acontecimento do passado, ou se é o passado que se está a recordar de nós.

Ao início, queria simplesmente adaptar uma novela do escritor Federico Gana que tinha lido na escola. Depois decidi misturar duas das suas novelas. Finalmente, acabei por fazer um filme sobre as recordações que a leitura das suas novelas provocava – tinha oito anos quando as li – no homem que só agora. Memórias invertidas, de alguma maneira.